

CADERNOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

3

(Auxiliar a) Compreender  
os verbos auxiliares

Descrição e implicações para o ensino do Português  
como Língua Materna

Anabela Gonçalves  
Teresa da Costa

Edições Colibri

\*

Associação de Professores de Português

## Índice

1	Introdução . . . . .	7
2	O conceito de verbo auxiliar na tradição gramatical luso-brasileira . . . . .	11
3	Propriedades dos verbos auxiliares do Português europeu . . . . .	17
3.1	Impossibilidade de co-ocorrência com orações completivas finitas . . . . .	19
3.2	Impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa . . . . .	22
3.3	Impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de Sujeito . . . . .	24
3.4	Passivas encaixadas sem alteração do significado básico da activa correspondente . . . . .	26
3.5	Impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito . . . . .	29
3.6	Ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar . . . . .	32
3.7	Não selecção do Sujeito . . . . .	37
3.8	Co-ocorrência com qualquer classe aspectual de predicados verbais . . . . .	41
3.9	Impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afectem apenas a interpretação do domínio não finito . . . . .	43
3.10	Síntese . . . . .	45
4	Verbos auxiliares do Português . . . . .	49

4.1	<i>ter</i> enquanto auxiliar típico em estruturas < <i>ter</i> + Particípio Passado> . . . . .	49
4.2	O verbo <i>ser</i> da construção passiva . . . . .	57
4.3	Os semi-auxiliares temporais, modais e aspectuais . . .	63
4.3.1	Valores temporais, modais e aspectuais envolvidos . . .	63
4.3.2	Propriedades dos semi-auxiliares temporais, modais e aspectuais . . . . .	66
4.3.2.1	Propriedades idênticas às dos auxiliares . . . . .	66
4.3.2.2	Propriedades distintas das dos auxiliares . . . . .	71
4.3.2.3	À procura de uma solução para o <i>puzzle</i> . . . . .	74
4.3.2.4	Algumas observações sobre os aspectuais: estatutos de <i>a</i> e <i>de</i> . . . . .	80
5	Verbos principais com propriedades idênticas às dos (semi-) auxiliares . . . . .	83
5.1	O modelo de <i>querer</i> . . . . .	83
5.2	O modelo de <i>mandar e ver</i> . . . . .	89
6	Conclusões . . . . .	97
7	Exercícios . . . . .	99
	Exercício 1 . . . . .	100
	Exercício 2 . . . . .	102
	Exercício 3 . . . . .	104
	Exercício 4 . . . . .	106
	Exercício 5 . . . . .	108
	Exercício 6 . . . . .	109
	Exercício 7 . . . . .	110
	Exercício 8 . . . . .	112
	Exercício 9 . . . . .	114
	Exercício 10 . . . . .	116
	Exercício 11 . . . . .	118
	Exercício 12 . . . . .	120
	Exercício 13 . . . . .	122
	Referências bibliográficas . . . . .	126
	Glossário . . . . .	131

## 1. Introdução\*

“O que era para escrever mais? Eu disse tudo o que estava no caderno!”

Para aqueles que diariamente trabalham dentro das fronteiras do universo escolar, comentários como aquele que acima se transcreve não constituem grande novidade. Tais comentários constituem evidência de um *saber* proveniente da mera memorização de conhecimentos, um *saber* que, por não activar as capacidades de reflexão, raciocínio e problematização, acaba por gerar o seu atrofiamiento.

Cada vez mais se tem vindo a ganhar consciência de que, nos molas da sociedade actual, já não há lugar para uma concepção do ensino que atribui ao professor o estatuto de detentor de todo o saber e ao aluno o papel de, qual esponja, absorver todo o conhecimento. Actualmente, e em qualquer área do saber, espera-se que a passagem pela escola forneça a todos os indivíduos não um armazenamento mnemónico de informação mas um conjunto de *ferramentas* que lhes permita uma integração efectiva num meio profissional, social e cultural em constante mutação. Essas ferramentas deverão consistir no *domínio dos conhecimentos* considerados essenciais, aliado ao *domínio*, pelo uso e pelo aperfeiçoamento, *da capacidade de análise*.

O desenvolvimento de hábitos de reflexão pode constituir uma mais-valia nos processos de ensino e aprendizagem de qualquer área do saber. Pode até tornar estimulante o estudo de um vasto elenco de questões frequentemente hostilizadas pelos estudantes; desse elenco constam as questões gramaticais e é delas (de uma pequena parte delas)

---

\* Agradecemos a Inês Duarte, Maria João Freitas e Telmo Mória pelos comentários e sugestões.

que se ocupa esta publicação. Para grande parte dos alunos, a abordagem de questões dessa natureza resume-se a uma memorização de listagens de definições, características e estruturas. Os efeitos deste tipo de aprendizagem são evidentes no desempenho linguístico de muitos dos que concluem actualmente a escolaridade secundária.

Em prol da eficácia, o ensino da gramática deve visar o desenvolvimento de um *conhecimento explícito* da língua. Tal implica fomentar a manipulação e a desconstrução orientada das estruturas, de forma a que o aluno adquira um conhecimento prático acerca do funcionamento e das condições de ocorrência das mesmas. Para que este tipo de formação linguística possa singrar, torna-se imperiosa e legítima a atribuição à gramática de um espaço próprio e autónomo nas aulas de Português. É neste sentido que têm sido divulgados, recentemente, materiais adequados a verdadeiras sessões de *oficina gramatical*; é também desta forma que se deve entender este trabalho, que pretende ser um contributo para a optimização do ensino e aprendizagem de um aspecto da gramática do Português – os verbos auxiliares.

Esta publicação emerge essencialmente de dois factores:

Por um lado, o tema da auxiliaridade constitui um dos itens gramaticais contemplados no(s) currículo(s) de Língua Portuguesa. Nos programas vigentes actualmente nos ensinos básico e secundário, a referência explícita à abordagem da auxiliaridade surge a partir do 2.º ciclo. Esta referência é breve e surge enquadrada no estudo mais geral das subclasses de verbos, assim como no da flexão verbal de alguns tempos compostos. Nas orientações curriculares propostas para o ensino da língua materna em Sim-Sim, Duarte & Ferraz (1997), encontra-se também uma referência explícita à auxiliaridade: sugere-se ali a realização de actividades de descoberta e de identificação de subclasses de verbos, entre as quais a dos auxiliares. Estas actividades são propostas quer para o 2.º quer para o 3.º ciclo, como um meio de (i) “alargamento e sedimentação da consciência linguística” (p. 87); (ii) construção de “um conhecimento sistematizado dos aspectos básicos da estrutura e do uso do Português padrão.” (p. 90)

No *Programa de Língua Portuguesa* (2002) para o ensino secundário, a referência aos verbos auxiliares não é explicitada, podendo, porém, ser depreendida a partir de um dos objectivos gerais enunciados: “proceder a uma reflexão linguística e a uma sistematização de

conhecimentos sobre o funcionamento da língua (...)” (p. 8). De acordo com as orientações curriculares, e no que concerne especificamente a conhecimento explícito da língua, o ensino secundário destina-se ao aperfeiçoamento e à sedimentação do trabalho de análise e reflexão linguísticas já desenvolvido pelos alunos ao longo da escolaridade básica (na página 16, defende-se que “ o estudo reflexivo sobre a língua, iniciado nos ciclos anteriores e a desenvolver neste ciclo de ensino, apoiado numa metalinguagem instrumental, resultará na aquisição de uma consciência linguística e de um conhecimento metalinguístico”).

Por outro lado, a maioria dos materiais de consulta, nomeadamente os manuais escolares e as gramáticas tradicionais, revelam discrepâncias quer no que diz respeito ao elenco de verbos auxiliares do Português quer quanto à sua caracterização, o que dificulta a exploração do tema por parte dos professores e a compreensão por parte dos alunos.

Na sequência do que acima foi exposto, os objectivos centrais desta publicação são os que se apresentam de seguida:

- apresentar a descrição fornecida por algumas gramáticas que se inscrevem na tradição gramatical luso-brasileira, de forma a justificar a necessidade de uma caracterização rigorosa dos verbos auxiliares, baseada essencialmente no seu comportamento sintáctico-semântico, evitando-se, assim, as divergências que se encontram naquelas gramáticas (secção 2);
- apresentar o conjunto de propriedades (secção 3) que, sendo de natureza essencialmente sintáctico-semântica, definem com rigor a classe dos verbos em estudo (secção 4);
- descrever o funcionamento de certos verbos principais que a tradição gramatical tem caracterizado como auxiliares, mostrando que tal caracterização decorre de factores externos ao fenómeno de auxiliaridade (secção 5);
- apresentar algumas propostas de exercícios para os vários níveis de ensino, que envolvam a manipulação de estruturas com verbos auxiliares (secção 7).

Em Anexo é apresentado um Glossário, com a definição de alguns termos utilizados neste trabalho. A primeira ocorrência do termo no texto será assinalada através de maiúsculas e itálico.